

## **Entrevista a Ana Paula Amaral**

**Eu queria que vc comentasse, primeiro, a afirmação do ministro interino da justiça, Alexandre de Moraes, dizendo que o Brasil precisa investir mais em armamento do que em pesquisa em segurança pública.**

O Brasil se ressentir muito de pesquisas em segurança pública. Pela falta de uma forte tradição de estudos na área, continuamos investindo recursos em um modelo de polícia ineficiente, não identificamos fatores de risco para o crime e a violência, não desenvolvemos programas de prevenção que são muito mais efetivos e não conseguimos sequer medir a natureza e a extensão de fenômenos como a criminalidade e a violência. As mais importantes inovações policiais no mundo surgiram de pesquisas. Basta referir a estratégia de policiamento comunitário, o policiamento orientado para a solução de problemas, os softwares para georeferenciamento do crime, os diagnósticos precisos a respeito das tendências criminais produzidos por pesquisas de vitimização e assim por diante. Nos EUA, existem hoje quase 200 cursos de doutoramento e mestrado na área da segurança pública e se formou uma importante tradição de pesquisa também em instituições policiais como a Police Foundation. Todas as nações que avançaram na segurança pública alcançaram seus resultados investindo muito em pesquisa e afastando da cena pública bufões, demagogos e incompetentes. No Brasil, muitos desta turma viram gestores. Alguns até ministros. Nesse quadro, a homenagem à ignorância é parte constitutiva da tragédia que estamos presenciando.

**O ministro diz que existe uma glamourização do traficante na favela. Juntando as afirmações, a gente consegue perceber que ao verdadeiro objetivo é intensificar a repressão nas comunidades. E a gente sabe que a polícia, na maioria dos casos, não age dentro da lei na periferia. Como você vê essa questão?**

Não há qualquer glamourização sobre o tráfico. O que há, e deve haver, é a constatação de que o tráfico de drogas só se instala em comunidades da periferia, com a força que sabemos, porque ele se nutre do abandono, da miséria e da falta de perspectivas de milhares de crianças e adolescentes. Se o Estado fosse mais presente, se as escolas públicas fossem centros de excelência, se tivéssemos políticas públicas para as juventudes das periferias, a situação seria bem diferente. No mais, o tráfico de drogas só existe porque determinadas drogas são consideradas ilegais. Ou seja, o tráfico - causa real de grande número de homicídios no Brasil - é filho dileto do proibicionismo. Como estamos lidando com um tipo de comércio que conta com um mercado de milhões de usuários, a proibição não faz sentido e só agrava os termos do problema. A chamada "Guerra contra as Drogas" só interessa aos traficantes que aumentam seus lucros e aos que se corrompem pelo tráfico. Do ponto de vista do interesse público, este tipo de política é uma tragédia sem fim pela qual estamos todos já pagando um preço muito alto. Para os pobres, que vivem nas

periferias, “a guerra contra as drogas” é o tipo de resposta que os transforma quase que naturalmente em “inimigos”.

**O Brasil já tem a quarta maior população carcerária do mundo. O Infopen mostra que a maioria dos presos é jovem, pobre e negro, isso não é por acaso. Como essa medida do ministro, se colocada em prática, vai afetar essa questão? Investir na compra de armas é insistir em um modelo falido, não é?**

Quase todos os presos brasileiros são pobres. A esmagadora maioria deles é composta por jovens e a grande concentração de presos negros é claramente desproporcional. Mais grave do que isso, a grande maioria desta população carcerária está em prisão preventiva ou é condenada por crimes contra o patrimônio e por delitos que envolvem drogas (não apenas tráfico, mas também usuários que são condenados como se fossem traficantes). O número de presos por crimes dolosos com resultado morte (homicídio, latrocínio e lesões corporais seguidas de morte) é extremamente baixo. No RS, para que se tenha uma ideia, os presos por homicídio são cerca de 3% da população carcerária. Isto é o resultado mais acachapante da ausência de políticas de segurança pública no Brasil, da sanha de prender e prender cada vez mais, quase sempre em flagrante (ou seja, prisão de suspeitos em até 24 após a ocorrência do fato) e sempre naqueles tipos de crime que são cometidos pelos marginalizados. Este modelo de uma polícia que é proibida de investigar (as PMs) e de outra que não consegue investigar (as PCs), prende ladrões de galinha e pequenos traficantes todo o tempo e não identifica matadores e autores de crimes sexuais. Então, além de prender muito, prendemos mal. As prisões deveriam ser usadas, como regra, para pessoas cuja liberdade seja uma ameaça à vida e à integridade dos demais. Pois estes seguem, normalmente, impunes porque os crimes que praticam demandam uma produção mais complexa da prova. Pensar que vamos resolver isto com mais armamento é simplesmente uma bobagem.

**E essa história do terrorismo nas olimpíadas? Você vê como um perigo real ou uma justificativa pra suspender os direitos humanos por 90 dias, como foi feito?**

Grandes eventos, especialmente jogos que são acompanhados em todo o mundo, sempre agregam riscos especiais de segurança e mesmo riscos de atentados terroristas. O fato é que a forma efetiva de se prevenir ocorrências do tipo envolve um esquema estratégico que começa na montagem de uma rede de inteligência capaz de identificar precocemente movimentações suspeitas e vai até o policiamento ostensivo e o monitoramento de grandes áreas que poderiam ser alvos preferenciais. Nossa maior debilidade está no sistema de inteligência. O Brasil ainda engatinha na área e os recursos tecnológicos mais avançados que integram as inteligências policiais nas democracias ocidentais não são sequer conhecidos no Brasil. Por isso, sempre que se fala em segurança pública no Brasil, o que se imagina é que isto significa um grande contingente de policiais nas ruas. É o que fazemos quando o Brasil sedia grandes eventos: montamos estratégias de hiper condensação de policiamento. O resultado previsível é que temos um impacto positivo de redução das ocorrências em áreas superpoliciadas. Uma parte importante das ocorrências criminais, entretanto, migra

para outras áreas – em geral mais pobres e desassistidas do que aquelas onde se colocou muitos policiais. Outra parte das ocorrências voltará à normalidade quando os esquemas especiais forem desmontados. Este tipo de resposta é incapaz de se antecipar a atentados terroristas. No caso do Brasil, temos a sorte de não sermos alvos preferenciais de nenhum dos grupos terroristas conhecidos.

### **Como você vê essa remilitarização do serviço secreto, essa recriação da GSI, antiga SNI, com o Etchegoyen no comando?**

Os governos de Lula e Dilma, especialmente o período de Dilma, produziram alguns dos maiores retrocessos históricos na área da Segurança Pública no Brasil. Um dos aspectos mais relevantes deste retrocesso foi a remilitarização da segurança. Desde o final da ditadura, as FFAA passaram a atuar marginalmente na área da segurança, com os governos do PT elas voltaram a ter grande protagonismo. As propostas encaminhadas pelos governos ao Congresso e aprovadas sem qualquer discussão séria envolveram, por exemplo, as chamadas operações de “Garantia da Lei e da Ordem”, as chamadas Ops GLO, que permitem que as FFAA assumam o controle operacional da segurança em qualquer região do Brasil por tempo limitado para combater “forças oponentes”. Isso é simplesmente um escândalo, uma verdadeira ameaça à ordem democrática diante da qual a esquerda tradicional se manteve calada, exercitando seu cinismo habitual. Foi também o governo Dilma o responsável pela “Lei antiterrorismo”, outra ameaça à democracia que, agora, será manejada pela direita no Poder.

### **Por fim, o que vc acha que vem por aí com Alexandre de Moraes no ministério?**

Teremos uma desarticulação das poucas iniciativas meritórias dos governos anteriores, a marginalização política das ONGs e entidades que colaboravam com o Ministério da Justiça e com a Senasp, o esvaziamento da colaboração prestada pelos órgãos do sistema das Nações Unidas, o uso repressivo dos instrumentos legados pelos governos do PT como as Ops GLO e a lei antiterrorismo, a mudança no perfil dos investimentos em segurança, com foco para a construção de mais presídios e para o armamento das polícias; o fim de verbas para programas de prevenção à violência e para a Inteligência policial, o aumento da população carcerária; o aumento da violência policial. Teremos, também, o apoio à bancada da bala, com a possível destruição do sistema de controle de armas de fogo, muitos factóides, declarações desarrazoadas e uma aposta reiterada na estupidez. Serão dois anos emocionantes que valerão por 20 anos de atraso.